

Veja

16/7/1986

A batalha de Leme

No interior de São Paulo, o PT e a polícia se enfrentam com saldo de dois mortos e trinta feridos

Às 4 da manhã da última sexta-feira, um grupo de 800 cortadores de cana do município de Leme, 192 quilômetros ao norte de São Paulo, reuniu-se na Avenida Granada, que leva à maior usina de açúcar da região, a Criciumal, para cumprir um ritual que vinha se repetindo há dezenove dias: formar um piquete grevista e impedir o acesso à usina de cortadores que não aderiram à paralisação decretada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Empregados avulsos, os chamados bóias-frias, eles recebem em média 1 200 cruzados mensais e reivindicavam a mudança no sistema de pagamento, para que pudessem ganhar um aumento real de seus salários. A polícia foi acionada para vigiar o piquete, os grevistas reagiram, houve pancadaria de parte a parte, uso de bombas de gás lacrimogêneo pelos soldados, dispararam-se tiros — e a cidade de Leme, que se orgulha de sua vida pacata e de seus belos jardins, transformou-se repentinamente em palco de um dramático e sangrento confronto que deixou como saldo dois mortos e trinta feridos.

O conflito começou quando apareceu na Avenida Granada um ônibus carregando 43 trabalhadores contratados pela usina para substituir os grevistas. Estimulados por parlamentares do PT e militantes da Central Única dos Trabalhadores (CUT) que, desde os primeiros dias, tentavam controlar seu movimento, os bóias-frias reagiram à aproximação do ônibus com palavrões e passaram a atirar paus e pedras no veículo. Estava acesa a faísca que se transformaria em incêndio. Reforçado por sessenta homens de um pelotão de choque enviado especialmente de São Paulo para impedir a explosão de um conflito, um contingente de 240 soldados da Polícia Militar que se espalhavam pela área avançou sobre os grevistas com cassetetes em punho. Sucederam-se 40 minutos de combate, durante os quais o piquete se desmanchou numa correria desordenada. O cortador de cana Orlando Correia, 22 anos, pai de dois filhos, morreu com uma bala no coração. A empregada doméstica Sibely Aparecida Manoel, de 16 anos, que estava no local à espera de condução e nada tinha a ver com a confusão, também foi alvejada, no tórax, e veio a falecer. Quatro bóias-frias tiveram de se submeter a cirurgias de urgência para extrair balas que haviam se encastrado em seus braços. Outros vinte trabalhadores foram ao pronto-socorro tratar de ferimentos generalizados e ali tinham por companhia sete soldados da PM, também feridos na batalha. O deputado Djalma Bom, líder do PT na Câmara, e o metroviário Paulo Azevedo, candidato petista a vice-governador de São Paulo, foram espancados. Esse foi o mais grave e doloroso confronto já registrado desde que se iniciaram as escaramuças envolvendo bóias-frias no interior de São Paulo.

ORIGEM DOS TIROS — Quatro horas mais tarde, de volta a Brasília após seu encontro com o papa João Paulo II, o presidente José Sarney recebeu, através do general Ivan de Souza Mendes, chefe do Serviço Nacional de Informações, um relato sobre a tragédia. "É um problema de segurança pública do Estado, que cabe ao governador resolver", afirmou o porta-voz do presidente, Fernando César Mesquita. "O que aconteceu hoje em Leme não está no dicionário das relações entre capital e trabalho, escapa ao entendimento de qualquer ser vivo", reagiu Luís Ignácio Lula da Silva, presidente do PT. "Meia dúzia de baderneiros jogou com vidas humanas e agora deveria ser enjaulada", afirma o coronel da PM Claudovino de Souza, que assistiu ao conflito.

O cruzamento de declarações contraditórias deve-se ao fato de que, até a manhã de sábado, o tiroteio de Leme não estava esclarecido quanto à origem dos disparos. Segundo a PM, os tiros teriam partido de um Opala azul, da Assembléia Legislativa de São Paulo, ocupado por deputados do PT e sindicalistas, que se aproximou em certo momento da multidão. Para os deputados, a versão é bisonha e os tiros partiram do bloco de PMs. A autópsia demonstrou que o corpo de Sibely estava chamuscado em seu lado esquerdo, na altura das axilas — sinal de que ela foi baleada de uma distância de 10 metros. Os mesmos exames levaram a polícia a concluir que a bala que furou o coração do bóia-fria, um lavrador recém-chegado à região, foi disparada de uma distância entre 20 e 25 metros. Isso, por enquanto, não prova nada. No início das investigações, havia a suspeita de que ambos teriam sido mortos por uma bala de calibre 22, o que levaria a lista de suspeitos para o infinito. Sabe-se, agora, que os dois morreram cravados por dois tiros de 38, arma usada pelas corporações policiais. No entanto, diante do desorganizado mercado clandestino de armas que se formou no país, mesmo essa pista é muito frágil. "Sem qualquer prova, inclino-me a acreditar que os dois tiros foram disparados pela polícia", afirma uma alta autoridade policial do governo paulista.

CHAPA FRIA — "Vamos apurar até o fim, doa a quem doer", promete o secretário da Segurança e Justiça do Estado, Eduardo Mulyaert. No entanto, até a manhã de sábado, quando as duas vítimas seriam enterradas, as autoridades não dispunham de nenhum depoimento capaz de elucidar definitivamente o episódio. Segundo a Polícia Federal, foi no momento em que o ônibus com os 43 trabalhadores passou em frente ao piquete que o Opala entrou na história fazendo uma manobra rápida para interceptá-lo. Conforme essa versão, fundada em parte no depoimento do motorista do ônibus, Orlando de Souza, alguém que estava no Opala disparou com um revólver em direção à cabine — e esse tiro foi seguido por outros que por enquanto não se sabe de onde saíram.

O Opala azul tinha a chapa MI-9964, fria, e é de uso do líder do PT na Assembléia Legislativa, deputado Geraldo Siqueira. Como ocorre com outros partidos, o PT requereu, três anos atrás, a chapa fria para seu automóvel. "E um fato normal", sustenta o deputado Luís Carlos Santos, do PMDB, presidente da Assembléia. "Alguns deputados têm carros nessa situação", diz ele, sem explicar a razão de hábito tão esdrúxulo. Na manhã de sexta-feira, o deputado Siqueira estava em Angra dos Reis, no Estado do Rio, participando de uma manifestação ecológica. Em Leme, seu automóvel fora emprestado a outro parlamentar petista, Djalma Bom. A partir daí, as versões não coincidem mais.

BRAÇO DA LEI — O depoimento do motorista Souza, já incorporado ao inquérito policial, é apoiado por mais três testemunhas. A essa versão se contrapõe a de outras testemunhas. "Foram os policiais que atiraram — eu vi", afirma o bóia-fria Valdemir Donizetti Rosa, baleado no braço direito. "Nós só jogamos pedras no ônibus." Os deputados José Genoíno e Anízio Batista, do PT, e Waldyr Trigo, do PMDB, também garantem que só a polícia atirou. Djalma Bom contou que o Opala foi estacionado atrás do ônibus e depois retirado dali a pedido da própria Polícia Militar — e só. "Essa história toda é pura invenção para esconder dois assassinatos", afirma ele, que circulava, indignado, com cartuchos de bombas de gás lacrimogêneo na mão, que apresentava como prova da violência da polícia.

Ferida aberta na última sexta-feira, a tragédia de Leme marca uma segunda queda-de-braço entre as autoridades, de um lado, e a CUT e o PT, do outro. Na primeira, há três meses, comprovou-se que pelo menos dois assaltos a agências bancárias na Bahia foram praticados por um grupo clandestino, o PCBR, infiltrado na estrela petista. Desde a semana passada, com a batalha de Leme, abriu-se uma polêmica que só deverá encerrar-se quando a polícia concluir um criterioso processo de investigações que aponte os culpados pelos crimes ali cometidos. Com exames de balística, é possível, por exemplo, identificar a arma de onde partiram as balas que mataram o bóia-fria Correia e a doméstica Sibely. Será obrigatório ainda colher o depoimento de outras testemunhas, já que havia uma multidão no local — e finalmente fazer

baixar o braço da lei sobre os culpados, para que os inclinados a ações dessa natureza
pensem duas vezes antes de transformar num capítulo sangrento algo que deveria manter-se
dentro dos limites de um conflito trabalhista.

(Páginas 42 e 43)